

3

As conexões afetivas no autismo

Vimos no capítulo anterior como se processa a conexão afetiva no desenvolvimento típico. A ideia principal é que os bebês já nascem com essa predisposição para se envolver em um engajamento afetivo. Tudo se inicia por meio das relações diádicas, e com o desenvolvimento do bebê suas habilidades interativas vão aumentando ao longo dos meses. Porém, no autismo esse processo não ocorre da mesma forma.

O autismo afeta a maneira como uma criança se desenvolve e responde ao ambiente, tanto no aspecto físico, quanto na relação com objetos, eventos, lugares, e principalmente no contato interpessoal e social. Essas alterações ocasionam distúrbios no desenvolvimento interpessoal e na ação colaborativa, acarretando interferências na aprendizagem cultural e no compartilhar de experiências do “senso comum” do mundo (Trevarthen e Daniel, 2005).

Como Kanner (1943) descreveu em seu primeiro artigo sobre a síndrome do autismo, sua principal observação em relação às 11 crianças estudadas foi a falta de contato afetivo. Essas crianças não interagem e tinham dificuldade de contato ocular, apresentavam comportamentos repetitivos e restritivos. O principal déficit do autismo é nas relações sociais. Crianças autistas têm dificuldades de interagir e muitas vezes apresentam dificuldades no jogo simbólico e graves prejuízos na aquisição da linguagem.

Talvez por Kanner ter abordado a síndrome do autismo como “um distúrbio do contato afetivo”, por muitos anos a causa do autismo ficou conhecida como uma patologia relacionada às mães geladeiras. Esse estigma não colaborou em nada com o prognóstico da síndrome, muito pelo contrário, só trouxe desconforto para as mães e uma alta culpabilidade. Hobson (2005) afirma que a grande questão do autismo diz respeito à origem da síndrome. O que vem primeiro? A dificuldade cognitiva, motivacional ou o déficit afetivo é primário? Qual teoria é satisfatória a respeito da origem da síndrome? Essas são questões que não se esgotam...

Os distúrbios sensoriais são uma característica que tem sido observada atualmente no espectro autista. Muitas crianças apresentam hiper ou hipossensibilidade a estímulos, tais como sons, sensações táteis, incômodos com

diferentes texturas na alimentação e baixo limiar para a dor (Baranek, David, Poe, Stone e Watson, 2006).

Outro aspecto que acarreta um grave prejuízo no desenvolvimento simbólico dessas crianças tem relação com a Teoria da Mente que no autismo fica muito prejudicada. É possível que essas crianças não consigam ter uma. Por conta disso, crianças autistas têm dificuldades em engajar-se em brincadeiras de faz de conta e de compreender os estados mentais de outras pessoas. Nesse sentido, a empatia é um quesito que os autistas não possuem. A grande dificuldade dessas crianças é compreender as emoções das outras pessoas e se colocar no lugar do outro.

Neste capítulo, veremos quais são os déficits na conexão afetiva no autismo e como se processam.

3.1

A importância do desenvolvimento afetivo no autismo

O desenvolvimento das crianças portadoras de autismo difere das crianças de desenvolvimento típico. Crianças com a síndrome têm dificuldades de olhar para o rosto dos adultos e conseqüentemente de se engajarem afetivamente. No autismo o que ocorre não é um atraso no processo do desenvolvimento e sim um desvio, e é isso que o diferencia dos outros transtornos do desenvolvimento. Para Lampreia (2004), as dificuldades e prejuízos linguísticos no autismo não podem ser considerados apenas um atraso, mas sim um desvio do desenvolvimento. Na síndrome autística o desenvolvimento da linguagem é muito diferente do típico e também das crianças que apresentam algum atraso no desenvolvimento. O processo de desenvolvimento de crianças autistas é caracterizado por déficits de comunicação e na interação social.

Os prejuízos linguísticos no autismo envolvem problemas em quatro esferas: comunicação não verbal, comunicação simbólica, a fala propriamente dita, assim como a linguagem pragmática. Os problemas de comunicação no autismo precedem a linguagem e podem ser observados no bebê falhas no contato ocular, balbucios, imitação, jogos simbólicos e o uso de objetos. Posteriormente, com a criança por volta dos 12 meses, as falhas são visíveis nas seguintes atividades: falta de mímica, compreensão da fala e no gestual de apontar. Esses

déficits de comunicação acabam prejudicando o desenvolvimento social do bebê. Porém, segundo a perspectiva desenvolvimentista já apresentada, tais problemas ocorrem devido a uma falha primária na conexão afetiva do bebê, sendo assim, todo o seu desenvolvimento fica prejudicado.

A falta de conexão afetiva é explicada por Hobson, Hobson, Chidambi, Lee e Meyer (2006) pelos prejuízos no processo de identificação, pois, o TEA é essencialmente decorrente de falhas no processo de identificação entre os indivíduos. Pesquisas comprovam que bebês que mais tarde têm como diagnóstico o transtorno autístico, não são responsivos às ações e comportamentos dos outros, não conseguem interagir devido a falhas nas trocas emocionais e afetivas necessárias para o seu desenvolvimento, pois não são afetados pelos sentimentos dos mesmos. Ou seja, o bebê não se identifica com o adulto e, dessa forma, não consegue captar e nem ser afetado pelos sentimentos e emoções do seu cuidador. A habilidade de identificação é primordial para o desenvolvimento social do bebê.

Vários trabalhos demonstram como o desenvolvimento típico difere do de crianças com espectro autístico. Brazelton e Cramer (1990) enumeram várias dificuldades das crianças autistas: falta de atenção social, distúrbios no contato ocular e falta de imitação. Esses processos são importantes para a interação social. Sem eles, não tem como ocorrer a sincronia responsável para o desenvolvimento típico. Com essa falta de interação, os pais não conseguem engajamento com os seus bebês, e acabam ficando desestimulados a buscá-la. Dessa forma, podemos perceber que a criança autista tem dificuldades inatas que acarretam prejuízos na interação com os seus pais e conseqüentemente eles serão acarretados para a sua relação social/comunicacional. Sendo assim, o bebê não responde ao sorriso do adulto, não atende quando é chamado pelo nome e nem imita o comportamento dos outros.

3.2 **Afeto no autismo**

Conforme já mencionado anteriormente, em sua primeira descrição da síndrome Leo Kanner (1943) descreveu o autismo como um distúrbio do contato afetivo. O que mais chamou a atenção do médico ao avaliar as 11 crianças foi a evitação do contato afetivo. Geralmente crianças autistas não focam o olhar do

adulto, evitando constantemente olhar no rosto. Sorrisos e vocalizações responsivas também são raras, a atenção vai para algo inusitado, como objetos que giram ou luzes e apresentam interesses restritivos e repetitivos. A fala fica bem prejudicada, nem todos os autistas são verbais. Em resumo, o maior prejuízo da síndrome é o social.

A denominação feita por Kanner por muitos anos acarretou por parte de algumas vertentes uma compreensão errônea da síndrome, o que gerou uma culpabilização das mães de filhos autistas. Tais vertentes diziam que as mães eram frias e não deram afeto aos seus bebês, por conta disso, a criança não teve um desenvolvimento típico. O termo mãe geladeira era bastante utilizado. Atualmente, a compreensão é diferente e o autismo é considerado uma patologia com base biológica. Ou seja, o desenvolvimento afetivo tem relevância, porém existe algo antes dele que impede que tal conexão afetiva ocorra. Ou seja, essas crianças já nascem com uma dificuldade de se conectar afetivamente.

Seguindo a premissa desenvolvimentista, a interação social é uma construção que se inicia pela via afetiva. Se nos reportarmos ao desenvolvimento típico, veremos que no autismo existem falhas na constituição da relação diádica. Não podemos desconsiderar que o ambiente (as relações) pode contribuir ou não para que tais falhas sejam reparadas ou, pelo menos, minimizadas. Scambler et al. (2007) abordam que a falta de responsividade das crianças autistas traz a seus pais uma diminuição das tentativas de interações, como sorrisos e brincadeiras. Ou seja, a criança não responde aos estímulos e o adulto acaba não estimulando. Sendo assim, a criança passa a ter menos oportunidades de vivenciar trocas emocionais.

A respeito disso, Trevarthen e Daniel (2005), em um estudo com duas gêmeas monozigóticas de 11 meses, analisaram as filmagens de interações do pai com as meninas. A ideia da pesquisa era verificar se o comportamento das gêmeas ou do pai apresentava algum padrão de comportamento diferente. Em uma dessas filmagens o pai imitava um monstro e a brincadeira terminava quando ele mordida o estômago das filhas. As filmagens foram realizadas separadamente. Aos 18 meses foi constatado que a gêmea A era do espectro autista, enquanto a gêmea B apresentava um desenvolvimento normal. Ao avaliar os vídeos foi visto que o vídeo da gêmea B teve a duração de 65 segundos, enquanto o da gêmea A a filmagem teve a duração de 52 segundos. Outras categorias foram avaliadas nos

vídeos, tais como: a ocorrência no tempo dos estados funcionais do estado de alerta, orientação entre os parceiros, a expressão comunicativa, emoção, contato corporal e tensão postural.

Os dados observados demonstravam que a gêmea B apresentava fortes padrões de regulação mútua na interação com o pai. A regulação temporal era coerente, tendo sinais de sincronia e alternância. A cada reação do pai, havia um sinal de antecipação no comportamento da filha, demonstrando sinais com trocas de estímulos de satisfação e irritação.

A interação diádica envolvendo a gêmea A não teve uma forma rítmica, faltando sincronia e regulação mútua. Eram poucos os contatos oculares da gêmea A, não demonstrando nenhuma emoção nos contatos subjetivos e nem atenção compartilhada. Os sorrisos e gargalhadas que a menina apresentava eram reações de reflexo à estimulação física e não respondiam às expressões emocionais do pai.

Esses dados são importantes e explicam porque o vídeo da gêmea B teve uma duração maior. O pai conseguia se engajar mais com a gêmea B, pois ela respondia melhor aos estímulos propostos por ele. Havia uma antecipação e regulação por parte da filha. Ou seja, houve uma diferença no comportamento do pai, em relação a sua postura de se relacionar com as filhas. Essa diferença foi referente ao tipo de resposta que ele recebia das gêmeas. Essa pesquisa reforça a hipótese de que crianças autistas acabam recebendo menos estímulos, porém isso ocorre por um problema primário que é a falta de responsividade emocional por parte delas.

3.3 **Intersubjetividade primária no autismo**

A intersubjetividade primária como já mencionado no capítulo anterior refere-se às trocas afetivas entre a mãe e o bebê. As falhas na comunicação afetiva já podem ser vistas a partir do nascimento de alguns bebês, quando estes já demonstram ser menos responsivos ao contato ocular com a mãe e menos atentos às vozes de seus cuidadores. As falhas nas interações diádicas podem ser observadas entre 2-9 meses quando a criança não interage por meio de sorrisos, vocalizações e trocas gestuais.

Para Hobson (2004) o principal prejuízo do autismo é proveniente de uma lacuna que as crianças têm no contato intersubjetivo com as outras pessoas, e para o autor as relações pessoais são fundamentais para o desenvolvimento da mente. A via afetiva é a primeira forma de envolvimento entre o bebê e seu cuidador, se ela não for desenvolvida é provável que a criança tenha dificuldades nas interações sociais posteriores que são importantes para o seu desenvolvimento.

Porém, Hobson (2004) é enfático ao dizer que o autismo não é causado por uma má relação parental. Os fatores genéticos têm influência, mas na maioria dos casos o cérebro dessas crianças não trabalha de forma adequada. Essa questão de ordem biológica já foi pontuada por diversos autores.

Hobson (2004) afirma que criança autista é portadora de um prejuízo inato na conexão afetiva com a sua mãe ou cuidador. Por isso, a criança não sendo capaz de se conectar emocionalmente com ela, não consegue envolvimento emocional em trocas sociais e a sua intersubjetividade primária fica gravemente prejudicada. Diversos relatos de pais comprovam que crianças que mais tarde receberam o diagnóstico de autismo desde o início de sua vida demonstraram um fechamento extremo, tendo pouca ou nenhuma reação a estímulos que proviessem do mundo social. Tal constatação pode ser vista pela dificuldade que a criança tem em adotar uma atitude antecipatória ao ser carregada pelos pais ou de se ajustar ao colo (Kanner, 1943). Tais comportamentos em uma criança com desenvolvimento típico são quase que inatos. Muitas vezes, os pais não percebem essas falhas na interação e acham que é o jeito do filho, ou que vai melhorar com o amadurecimento da criança. Tais déficits em diversos casos são só notados e revistos, numa fase posterior, quando a criança apresenta dificuldades na aquisição da linguagem.

Greenspan (2006) aborda que existem três problemas primários de cunho afetivo que caracterizam o autismo. São eles: dificuldades em estabelecer proximidade com os pais, problemas em trocar gestos emocionais de forma contínua, e os prejuízos em usar as palavras com a intenção emocional. A raiz desses problemas pode ser percebida desde o nascimento. O autor organiza em ordem cronológica, os seguintes marcos: de 0 a 3 meses o bebê apresenta falhas em sustentar contato ocular com os seus cuidadores, assim como déficits em estar atento às vozes de seus pais. Entre os 2 e 5 meses o engajamento do bebê com os seus cuidadores apresenta falhas, se o bebê consegue se engajar isso não dura

muito tempo. Logo a criança fica desatenta e muda seu foco de atenção. Dos 4 a 10 meses o bebê não apresenta interações sociais e gestos, como sorrisos, intencionalidade para cumprimentar com as mãos e outros gestos interativos, como apontar ou mostrar um brinquedo para o adulto. Entre os 10 e 18 meses a criança não demonstra ser capaz de iniciar e sustentar as interações sociais com trocas emocionais, o que acaba acarretando déficits na comunicação simbólica.

Maestro, Muratori, Cavallaro et al. (2005) mostraram evidências por meio de vídeos caseiros que nos primeiros seis meses de crianças autistas pode haver um comportamento desviante na coordenação entre o interesse em objetos e pessoas. Brincadeiras foram propostas e essas crianças não demonstraram reações rápidas, antecipação ao comportamento em um tipo de brincadeira que bebês com essa faixa etária costumam gostar. Outra observação feita por meio das filmagens é que com 6 meses de idade bebês já olham quando estão sendo chamados, crianças autistas não conseguem ter a mesma rapidez nessa interação (Maestro, Muratori, Cavallaro, Pei, Stern, Golse et al., 2002).

Avaliar o comportamento de crianças por meio de filmagens é um procedimento comum que auxilia em pesquisas a respeito da síndrome autística, e também pode servir como um procedimento após o diagnóstico, para se avaliar se já havia sinais do transtorno. Filmagens feitas com vídeos caseiros com crianças de até 2 anos demonstram alguns indícios de falhas nos aspectos de interação social/comunicação em situações cotidianas da criança, tais como: passeios, festas de aniversários, filmagens em reunião de família e outros eventos. Tais falhas ou sinais para um diagnóstico de risco de autismo são: dificuldades no contato ocular, falta de sorrisos responsivos, ausência ou poucas vocalizações, baixa tolerância para barulhos, falta de comportamento antecipatório em relação ao adulto e birras excessivas. A crítica em relação a esses vídeos ocorre pelo viés de que na época da filmagem, o intuito não era focar no comportamento social da criança para diagnosticar risco precoce de autismo. Por conta disso, muitos vídeos não apresentam os dados necessários para tal diagnóstico.

3.4 Intersubjetividade secundária no autismo

A intersubjetividade secundária compreende a faixa etária entre 9 e 15 meses. Nessa fase o bebê já apresenta comportamentos interativos, como o compartilhamento de objetos com os adultos por meio do apontar, vocalizações e um comportamento intencional entre meios e fins. Porém, no autismo, as crianças não apresentam os mesmos ganhos que no desenvolvimento típico.

No autismo são encontradas falhas no apontar, tanto para pedir algo (apontar imperativo), como para mostrar alguma coisa (apontar declarativo), por exemplo, mostrar um cachorro na rua. O que ocorre no autismo é que a criança em vez de apontar leva o adulto até o local do objeto que ela quer. Por exemplo, a criança quer o biscoito e o pote está em cima da bancada, ela não aponta e sim pega a mão do adulto e o leva até a bancada. Pesquisas indicam que, no autismo, as crianças apresentam déficits na atenção compartilhada, que seria um degrau para o desenvolvimento da fala. Para Trevarthen e Aitken (2001) o principal prejuízo no autismo advém da falta de motivação dessas crianças se engajarem em interações harmônicas. Klinger e Dawson (1992) abordam a questão da falta de afeto compartilhado dessas crianças. Afirmando que essa falta as impede de afetar emocionalmente as outras pessoas ocasionando, então, um ciclo de desajustes no processo de interação.

Segundo a perspectiva desenvolvimentista, para que a criança tenha um desenvolvimento típico é necessário ter experimentado as interações diádicas e triádicas o que inclui a atenção compartilhada. Tais explicações já foram mencionadas no capítulo anterior. Não tendo desenvolvido uma relação diádica, a criança autista terá dificuldades em estabelecer uma relação triádica que compreende a interação entre mãe, bebê e objeto.

Sobre esse aspecto Hobson (2007) acrescenta que crianças autistas são menos propensas a olhar para a outra pessoa e copiar as ações da mesma com objetos e a envolver-se em olhares de compartilhamento. Quando conseguem, são menos suscetíveis a imitar as ações, mesmo sendo orientadas. Para o autor, a explicação se dá pelas diferenças entre o desenvolvimento típico e atípico. No primeiro, existe um encadeamento e uma construção da interação afetiva. Sendo assim, a criança com o seu desenvolvimento vai se engajando ainda mais com os

adultos e aprendendo a se relacionar no meio social. No caso do autismo, as falhas ocasionadas na intersubjetividade primária prejudicam a intersubjetividade secundária, que é justamente quando a criança começa a compartilhar seus interesses com o adulto.

Outro quesito que chama a atenção nas crianças autistas é a sua relação com as pessoas. A impressão é que os autistas tratam as pessoas como se fossem objetos ou coisas, faltando um engajamento mais pessoal. Geralmente essas crianças não se importam com a presença dos outros. Quando solicitadas a responder, o fazem não demonstrando um engajamento social nem afetivo.

A respeito da dificuldade de interação social do transtorno autístico, Hobson (2004) em uma pesquisa com crianças cegas e com crianças autistas, concluiu que a semelhança entre ambas está na dificuldade de se relacionarem com alguém, pois a orientação de mundo não é a mesma para os outros e para si própria. As diferenças se dão no fato de que uma criança que não enxerga não consegue ver como as pessoas se relacionam com o mundo (no sentido da visão) e uma criança autista não consegue ver como uma pessoa se relaciona com o mundo (no sentido da percepção emocional). Ou seja, no caso do autismo, a dificuldade não está em conseguir enxergar e sim em perceber como as outras pessoas se relacionam com as coisas, com os sentimentos e como ser responsivo a esses sentimentos. Nesse caso, não é a visão que está perdida, mas a capacidade de compreender as expressões das pessoas com o sentimento apropriado.

Hobson relata que algumas crianças cegas têm alguns sinais de autismo e outras não. Às vezes a cegueira está relacionada a alguma desordem neurológica que causa autismo. Para o autor, o problema das crianças que desenvolvem autismo é que elas não podem ter uma interação social típica por uma falha biológica de engajamento afetivo. Hobson recorre aos estudos sobre orfanatos de Rutter (2004) para traçar um paralelo entre os três casos (crianças, autistas, cegas e criadas em orfanatos). As crianças cegas enfrentam a mesma dificuldade de interação social devido à sua cegueira. Já as crianças de orfanato, que são privadas de estimulação social no início da vida, também sofrem dificuldades de interação social. As crianças cegas e as criadas em orfanatos são chamadas de *autistic-like* ou *atypical autism*. Hobson ressalta que o resultado nos três casos é o mesmo, mas as “causas” são diferentes. Para o autor, o problema é que nas três situações as

crianças foram impedidas, por diferentes razões, de terem uma interação social típica; uma interação de cunho afetivo.

Diversas pesquisas foram realizadas com o intuito de investigar a questão da resposta afetiva de crianças com o transtorno autístico: Lord et al. (1993) fizeram uma pesquisa com crianças autistas utilizando como grupo de controle crianças com síndrome de Down. Os resultados em relação à reciprocidade da interação no que se refere à atenção compartilhada apresentaram resultados dramáticos se comparados com o grupo de controle. Posteriormente, outros pesquisadores (Mundy, Sigman e Kasari, 1994; Mundy, Sigman, Ungerer e Sherman, 1986; Robertson, Tanguay, Ecuyer, Sims e Waltrip, 1998) investigaram a questão da compreensão e produção de atos protodeclarativos que indicam a atenção compartilhada em contraste com gestos protoimperativos referidos à busca de assistência e gestos afiliativos (como sorrisos, vocalizações simples em direção ao outro e carinhos). Ou seja, crianças autistas demonstraram um baixo desempenho no entendimento da atenção compartilhada e um bom resultado nos atos protoimperativos. Esse resultado talvez ocorra porque nos gestos protoimperativos não há necessidade de um engajamento afetivo. A criança só atua de forma imperativa, para alcançar o seu objetivo, seja ele um brinquedo, um pote de biscoito ou qualquer outro objeto.

Dawson, Hill, Spencer, Galpert e Watson (1990) desenvolveram uma pesquisa na qual foram examinados o comportamento social, o afeto e o uso do olhar de 32 crianças. Sendo que 16 crianças eram autistas e o restante das crianças com o desenvolvimento típico (DT), a faixa etária entre 2 anos ½ e 5-6 anos. O objetivo era verificar o uso comunicativo do afeto e o contato ocular manifestado pelos dois grupos, quando estavam com as suas mães. O interesse era saber se as crianças autistas interagiam por menos tempo com as mães do que as crianças normais; se havia variação na quantidade de tempo em relação ao contexto interativo e se as crianças autistas faziam menos contatos oculares com as suas mães. Para isso, foram propostas três atividades: uma brincadeira livre, uma atividade mais estruturada que exigia respostas comunicativas e o lanche. Todas essas atividades foram filmadas.

A categoria estabelecida para verificar a relação afetiva por meio do contato ocular, foi o sorriso ou um franzir de sobrancelhas. Geralmente esses gestos são observados numa criança com DT. O resultado da pesquisa foi surpreendente.

Não houve uma diferenciação numérica em relação ao contato ocular para a face de suas mães entre crianças autistas e crianças com DT, como também não houve diferença quantitativa em relação às expressões faciais de sorrir e franzir as sobrancelhas quando codificadas. Porém, as crianças autistas tiveram uma combinação menor de contato ocular com expressões faciais do que as crianças com DT. Isso significa que as falhas apresentadas nas interações sociais de contato ocular e das expressões emocionais de crianças autistas não são de natureza quantitativa e sim relacionadas a aspectos qualitativos. Ou seja, as crianças autistas expressaram suas emoções tanto quanto as crianças típicas, porém elas não conseguiram comunicar suas emoções aos outros. Em relação à quantidade de sorrisos emitidos, a porcentagem ficou a mesma. A diferença se deu na resposta de sorrisos para as mães. As crianças autistas sorriam menos para as suas mães do que as crianças típicas. Assim como as mães de crianças autistas também sorriram menos para seus filhos. Os resultados indicam que os comportamentos com demonstrações afetivas e emocionais não usuais de crianças autistas podem afetar a resposta de outras pessoas. Conforme já mencionado em outras pesquisas.

Se a criança autista apresenta dificuldades em estabelecer um contato afetivo e subjetivo com os seus cuidadores é compreensível que ela tenha dificuldades em compartilhar a sua atenção com o adulto e com o objeto. Assim como outras dificuldades oriundas da intersubjetividade secundária, tais como: déficits na capacidade de referenciação social, na Teoria da Mente, nos jogos simbólicos, na fala, na aquisição de regras sociais e na autoconsciência (Carpenter, Nagell e Tomasello, 1998; Hobson, 2004).

A referenciação social ocorre por volta de 1 ano. Nessa época a criança já tem a habilidade de olhar para o rosto da mãe ou de seu cuidador e tomar a reação emocional da mãe como referência para decidir o que fazer naquela determinada situação. A questão é que falta no autismo essa capacidade de referenciação social, sendo assim a criança não utiliza a resposta afetiva das pessoas para expressar o seu próprio comportamento (Hobson, 1993b; Hobson, 2004). Em relação à Teoria da Mente, ao jogo simbólico e às regras, como as crianças deixam de interagir com as pessoas que apresentam focos de atenção e orientações subjetivas próprias, elas não compreendem os diversos significados que as pessoas dão para o mundo e para o seu estado mental.

Uma explicação para esses prejuízos se dá na direção de que se a criança autista apresenta graves limitações em sua capacidade de compartilhar os seus estados afetivos e subjetivos, como consequência apresenta prejuízos na capacidade de identificar o foco de atenção das pessoas e de perceber que essa atenção pode ser compartilhada. Sendo assim, ela apresenta prejuízos na capacidade de identificar e de compartilhar a atenção, as intenções e os estados mentais tanto dela quanto das outras pessoas (Hobson, 2005c).

As dificuldades afetivas e sociais no autismo são mais visíveis na intersubjetividade secundária. Isso ocorre porque é nessa época que a criança com desenvolvimento típico dá um salto em sua relação social e na comunicação, estando a um passo para a aquisição da fala. Em suma, a aquisição da fala surge de todo um desenvolvimento que se inicia com o bebê recém-nascido. Essa relação tendo falhas iniciais irá dificultar o desenvolvimento da intersubjetividade secundária que também pode ser denominada de comunicação intencional. A criança apresenta falhas no interesse compartilhado com os adultos, no apontar, na imitação e não atende quando é chamada pelo nome. Para muitos pesquisadores (Lampreia, 2008; Rapin, 1996; Wing, 1988), tais falhas são as responsáveis por problemas na fala: a ausência da fala, ou a fala com falhas, como dificuldades de compreensão, reversão pronominal (a criança se refere a si própria como “ela”), ecolalia, e problemas de entonação. Tais problemas no uso da fala são muito comuns em autistas.

Hobson (2004) aborda que as dificuldades afetivas do autismo acarretam o maior prejuízo intelectual que alguém possa ter que é a linguagem. Mesmo que uma criança portadora do TEA tenha uma linguagem sofisticada, ela vai ter dificuldades em utilizar essa linguagem no contexto adequado. Para o autor, a questão vai além do uso gramatical. É importante que a criança saiba direcionar essa linguagem e tenha a capacidade de compartilhar interesses, reconheça o outro como um ser intencional, que tenha desejos e sentimentos. Quando uma pessoa consegue perceber o outro dessa forma significa que possui uma capacidade empática de se colocar no lugar do outro e compreender a sua perspectiva. Isso significa que ela está sendo responsiva ao estado afetivo e subjetivo da outra pessoa. Além disso, ela tem a capacidade de inverter os papéis e dessa forma compreende a intenção do outro. Bates (1976) fala de intencionalidade no âmbito da atenção conjunta. Para a autora, ter a intenção e perceber a intenção é um

percursor da fala. Talvez seja essa a dificuldade dos autistas, eles não conseguem perceber a intencionalidade das pessoas. Pensando por esse viés, a dificuldade simbólica da linguagem no autismo, parece vir da capacidade de se conectar afetivamente com as pessoas.

Retornando a questão do desenvolvimento infantil, no final do segundo ano de vida a criança compreende como uma coisa pode se fazer passar por outra, e isso é um princípio básico para que a criança comece a responder à brincadeira de faz de conta. No autismo, é observado que as crianças têm dificuldades nesse tipo de brincadeira. Não ser capaz de brincar de faz de conta é um indício de risco de autismo. Tal categoria consta no DSM-IV-TR e no questionário CHAT (Baron-Cohen, Allen e Gillberg, 1992). Tal dificuldade pode estar relacionada com a capacidade simbólica da criança e sua capacidade de abstração, que também são requisitos para se alcançar uma teoria da mente.

3.5 Teoria da Mente no autismo

Conforme mencionado no capítulo anterior, a teoria da mente tem duas vertentes: a primeira corresponde a uma versão cognitivista inatista, que concebe a mente formada por módulos. A segunda concepção é construtivista e compreende a mente como uma construção a partir das interações sociais.

Hobson (2009) afirma que é comum psicólogos do desenvolvimento contemporâneo abraçarem a visão de que é preciso inferir na natureza da mente de outras pessoas, em alguns casos com base na própria experiência de nossas mentes. Harris (1989), Perner (1990) e Tomasello (2003) parecem pensar que o bebê começa com *insights* sobre seus próprios estados, e depois aplicam esses conhecimentos na interpretação do comportamento de outros. O próprio Hobson se incluiu, dizendo que outros desenvolvimentistas e seguidores de Wittgenstein (Hobson, 1990, 1991, 1993a, 1993b) têm tentado pensar de outra forma. Em resumo, Wittgenstein (1958) critica essa visão, pois é como se fôssemos capazes de identificar um determinado estado mental como o mesmo quando este se repete dentro da nossa experiência e, em seguida, fôssemos capazes de atribuí-lo a outras pessoas.

Como Wittgenstein (1958, seção 302) observou: “Se alguém imaginar a dor de outra pessoa no próprio modelo, isso não é uma coisa muito fácil de fazer, pois tenho que imaginar a dor que eu não sinto no modelo de dor que eu sinto”.

A posição alternativa é aceitar o que parece ser o senso comum: aprendemos os sentimentos nas expressões de outras pessoas, e não por meio de inferência. Wittgenstein (1980, vol. 2, seção 570) afirma que não teria sentido em teorizar sobre o desenvolvimento inicial da cognição social, sem ressaltar a natureza e implicações de relacionamento pessoal na compreensão das teorias da mente. Ou seja, é somente nas relações que compreendemos o que ocorre a nossa volta. Isso ocorre através do engajamento com o outro.

Hobson (2009) cita uma passagem de Wittgenstein (1980, vol. 2, seção 570), para exemplificar o que é emoção.

Nós vemos a emoção. – Ao contrário do quê? – Nós não vemos contorções faciais e fazemos a inferência que ele está sentindo alegria, tristeza ou chateado. Nós descrevemos um rosto imediatamente como triste, radiante, entediado, mesmo quando somos incapazes de dar qualquer outra descrição das características. Isso é essencial para o que chamamos de “emoção”.

Nesse aspecto, podemos inferir que Wittgenstein aborda que existe algo de primitivo na nossa capacidade de perceber o sentimento do outro.

Hobson (2009) ao analisar essa passagem de Wittgenstein conclui que existem vários fatores importantes para observarmos. Inicialmente, essa pessoa que consegue olhar no rosto do outro e perceber uma série de sentimentos pode ser considerada um pessoa perspicaz ao estado emocional do outro. Parece haver algo de primitivo sobre a nossa capacidade de perceber os sentimentos de outra pessoa, através da nossa percepção do que está expresso na pessoa por meio de “contorções faciais”. A razão que estes não são meras contorções é que quando vemos um sorriso, por exemplo, implica que temos uma resposta afetiva para o que vemos (ou pelo menos, significa termos tido, ou ter a capacidade de ter tido, tais respostas).

Dando continuidade à explicação do que faz uma pessoa compreender os sentimentos alheios, Hobson (2009) considera que para alguém ter esse tipo de percepção, esta pessoa precisa ter esses conceitos. O autor utiliza como exemplo o sr. Spock (personagem de *Star Trek*), que teria dificuldades em trocas emocionais. Porém, Hobson ressalta que não basta apenas ter emoções, mas também percebê-

las e direcioná-las para o mundo interpretado. O sr. Spock seria seriamente prejudicado em se envolver com outras pessoas e interpretar objetos nas redondezas. É mesmo duvidoso que seu mundo fosse um mundo compartilhado com os outros.

Nesse aspecto, o autismo fica no mesmo patamar, é difícil que haja um mundo compartilhado com as outras pessoas, pois a criança autista tem dificuldades de interagir e compreender os sentimentos dos outros. Isso não significa dizer que os autistas não tenham emoções, talvez a sua dificuldade secundária seja a capacidade empática, de direcionar os sentimentos e se colocar no lugar do outro. Por conta disso, a teoria da mente no espectro autista fica bastante prejudicada. A criança autista não consegue se colocar no lugar do outro, e olhar o mundo dentro dessa vertente compartilhada. Sendo assim, a compreensão dos jogos de linguagem também apresenta prejuízos, o autista muitas vezes não entende a linguagem figurada e fica na maior parte do tempo no pensamento concreto. Dificilmente metáforas são compreendidas, assim como expressões irônicas, de sofrimento e de dissimulação. Os códigos sociais não são entendidos e codificados pelos portadores de TEA. Dessa forma, a relação social fica bastante prejudicada.

Os déficits afetivos decorrentes do autismo acarretam graves prejuízos sociais que se iniciam desde a infância e se prolongam ao longo da vida das pessoas acometidas pela síndrome. No próximo capítulo apresento, por meio de relatos biográficos, como homens e mulheres lidam em suas vidas com essas limitações e dificuldades. Ou podemos trocar as palavras (limitações e dificuldades) por forma única e particular de encarar a vida? Talvez o que seja limitação para nós, seja apenas mais uma forma de ser e estar no mundo para eles.